

- ANSERMET, F. (1996) "Medicina y psicoanálisis en interfase", en revista Quarto, nº 59. ECF
- LACAN, J. (1966) "Psicoanálisis y medicina", en Intervenciones y Textos 1. Manantial
- JASCHEK C, (2009) "Dolor", en Revista MEDPAL-Interdisciplina y Domicilio nº 1.
- FREUD S. (1914) "Introducción al Narcisismo" en Obras Completas Amorrortu Tomo XI
- FREUD S. (1890) "Tratamiento psíquico, tratamiento del alma" en Obras Completas, Amorrortu Tomo I
- FREUD S. (1926) "Inhibición, síntoma y angustia". "Addenda", apartado "Angustia, dolor y duelo" en Obras Completas, Amorrortu
- FREUD S. (1930) "El malestar en la cultura" en Obras Completas, Amorrortu Tomo XXI
- MORRIS, D. (1991) "La cultura del Dolor". Editorial Andrés Bello
- SILVESTRE, D. "La apropiación del cuerpo", inédito

***¿QUE HAY ENTRE LA IDEALIZACIÓN Y LA SUBLIMACIÓN? LAS IMPLICACIONES DE UN CONCEPTO EN LA PRAXIS Y TEORÍAS PSICOANALÍTICAS***

Willian Pereira da Silva

**RESUMEN**

Este trabajo muestra los principales hallazgos obtenidos en una corriente investigación de maestría en la que analizamos el concepto de sublimación desde un punto de vista ético, teniendo en cuenta el planteo original del psicoanálisis en la consideración de un sujeto. Así, el concepto de sublimación es esencial para entendermos el movimiento en la clínica psicoanalítica, en su imbricación teoría y praxis. La sublimación nos señala una dimensión de lo singular que, antes de se oponer, se anuda a lo universal. Por qué son valorizados los productos de la sublimación? En qué ámbito ubicar este aprecio por la obra de arte, por ejemplo? Estas son unas de las preguntas que nos instigan. De hecho, la cuestión es amplia y tiene su cuna en la clínica, ya que de ahí notamos el movimiento desde una impotencia hacia una imposibilidad. Cuestión con todo un alcance en la cultura, mientras nos enseña la diferencia fundamental que hay entre la fijación involucrada en la idealización y la movilidad que nos ofrece la sublimación, la cual es siempre una deriva y implica creación. Metodologicamente, nuestro trabajo se orienta por la investigación, tal cual se da con frecuencia en psicoanálisis, buscando no apartar los elementos clínicos de la teoría. Además, buscamos analizar el concepto de sublimación, cuestionando sus fundamentos, evidenciando la inconsistencia que lo caracteriza, a fin de le conferir una nueva forma - aunque confrontando los diversos aspectos elegidos en la concepción del término, incluso con otros campos ajenos al psicoanálisis (estética, filosofía) -, mirarlo bajo otra perspectiva.. Así también se constituyo el esfuerzo de Freud, ya que la investigación, en psicoanálisis, implica el empeño del investigador (la teoría adviene de una clínica, punto de origen de nuestro estudio) y, por consecuencia, hay una remodulación en la teorización, la cual refleja el propio movimiento de la clínica. Lo inédito de cada caso de la clínica es así un correlato de lo singular que se muestra en el proceso de sublimación, por el cual la creación de un individuo logra conquistar espacio en el campo del Otro, entablando lazos sociales otros, sin que, por ello, uno se niegue a si propio, su singularidad, o ignore la dimensión de un imposible. Los horizontes a que nos conducen esta investigación nos permiten trazar los aspectos éticos de la experiencia clínica, en psicoanálisis, y que orientan su praxis. Así, por medio del análisis y del estudio de un concepto en el campo psicoanalítico, logramos dilucidar lo

que él refleja en la clínica y, por ende, en la cultura, es decir, donde el sujeto forma lazos sociales. La sublimación señala así algo esencial de la pulsión, otro concepto también fundamental, que representa la posibilidad de entablar lazos sociales otros, de manera que ante lo imposible y lo raro de la experiencia humana algo sea creado. De un punto de vista teórico, nuestra discusión se vuelca en una cuestión estrictamente ética. ¿Qué orienta, pues, nuestras relaciones con lo real, región adonde nos conduce la experiencia psicoanalítica, y, qué posiciones asumimos ante nuestro sufrimiento - una que se adapta a los ideales o otra que crea algo a partir de lo imposible, sin que lo rechaze? El concepto de sublimación señala pues dos aspectos fundamentales de la cuestión ética planteada por el psicoanálisis, en la medida en que ella se aleja de los ideales, que muchas veces se transfiguran en normas e patrones, o se acerca de un rasgo singular sin menoscabar lo general que ello implica. Y, en todas estas direcciones, hay implicaciones y consecuencias que se figuran como teóricas y, en mayor alcance, como políticas y culturales. He aquí el argumento que es el telón de fondo de nuestra investigación.

**PALABRAS CLAVE:** Psicoanálisis- sublimación- ética- clínica

---

Atualmente, temos desenvolvido uma investigação junto ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de São João del Rei, Brasil. Investigação esta inserida dentro da linha de pesquisa Conceitos Fundamentais e Clínica Psicanalítica. O estudo que empreendemos tem por objetivo analisar a experiência psicanalítica inaugurada por Freud e retomado por Lacan desde uma perspectiva ética. É neste sentido que realizamos a análise do conceito de sublimação, extraindo-lhe os elementos que nos permitem pensar uma ética da psicanálise, bem como os traços deste conceito presentes na clínica e na teorização psicanalítica.

Do ponto de vista metodológico, nossa investigação não se difere das investigações comumente empreendidas em psicanálise, considerando que elas engajam o pesquisador e não podem desconsiderar o inegável entrelaçamento entre a clínica e a teoria psicanalíticas. O método aqui indica, pois, um problema de alcance clínico, para o qual um certo saber fazer é empreendido e a partir do qual elabora-se e constrói-se uma teoria. Eis o movimento peculiar da investigação em psicanálise. É esta a direção tão afirmada pelos psicanalistas, enquanto investigadores. É essa também a direção que nos aponta García-Roza (1991, p. 12-13): "opor teoria e clínica, de modo que uma exclua a outra, corresponde a negar o próprio projeto freudiano. Para aqueles que insistem em não acreditar em bruxas, Freud adverte que elas existem. Pelo menos a bruxa metapsicológica". Joel Birman (1989, p. 135), por seu turno, nos dirá que a "clínica psicanalítica identificada com a experiência psicanalítica originária está situada no centro do pensamento freudiano, sendo a sua condição de possibilidade".

Em Freud (1974, a sublimação é um conceito que ilustra a inconsistência que caracteriza o movimento na clínica e teorização freudiana. Não se tem uma teoria fechada em psicanálise, algo que possa ser totalizado. Ao contrário, se analisamos o trajeto freudiano e o que constituiu o retorno lacaniano a Freud, notamos um movimento em que modulações e remodelações são feitas, em que uma técnica é modificada e com ela a correlata teorização. Em outras palavras, nota-se o tratamento dado a um problema clínico e a construção de um saber fazer, a partir desse problema, o qual considera a dimensão da singularidade e que implica tratar o "caso a caso". Se por um lado, o conceito de sublimação se refere a um aspecto fundamental da teorização freudiana, por outro, ele é índice da dimensão ética instaurada pela psicanálise. Ele reflete um certo posicionamento do sujeito diante do impossível que marca a experiência do homem. Ora, eis uma questão estritamente ética e que é o argumento de nossa investigação.

O conceito de sublimação tal como nos afirma Michel Silvestre (1981) é um dos

poucos termos que se serve a uma contaminação pelo ideal. O conceito cai bem dentro de uma certa filosofia de valores, sendo aproximado de virtudes e capacidades humanas, destinadas a poucos. O conceito é confundido com o sublime filosófico, apontando para uma dimensão estética na consideração do problema ético, aproximando o belo da morte. Em Goethe, um dos poetas admirados por Freud, o termo sublimação indica a necessidade de trabalho do espírito. Ademais, o termo é utilizado na química para descrever a passagem, de forma direta, de uma substância do estado sólido para o estado gasoso.

Trata-se de um termo presente em campos distintos de problemas, mas que, em psicanálise, se refere a uma questão bem específica - a questão de um sujeito, uma questão ética. O conceito é assim distanciado de um moral para ocupar um estatuto ético. A própria teorização freudiana nos indica isso.

Freud (1929-30/1974) aproxima a sublimação da atividade de criação do artista ou a de um cientista. Ele caracteriza a sublimação como um desvio da pulsão de uma meta sexual para uma meta não sexual. Outro ponto presente na teorização freudiana, sobre o conceito, reside no fato de ele atrelar os produtos da sublimação a uma certa valorização social, o que nos permite pensar que ela ocupa um lugar privilegiado nas atividades humanas, na cultura. A sublimação implica assim uma certa satisfação que encontra lugar na sociedade, permitindo uma certa orientação do sujeito. Contudo, resta algo de insatisfação, marcado pelo impossível que uma pulsão exige. Na cultura, os modos de tratar esta parcela inconquistável da natureza humana é o ponto de origem de um mal estar, o qual indicia o mal estar do sujeito. Diante de um certo problema, qual a ação do sujeito, neste ponto em que ele é questionado, neste ponto em que ele sofre? A sublimação nos indica um dos muitos caminhos que podem ser trilhados; um caminho que se distingue do recalque, o qual é um dos destinos da pulsão e que revela um modo outro de se tratar o impossível, tal como testemunha a experiência psicanalítica. Eis o contexto em que devemos situar o conceito de sublimação na obra freudiana, considerando os diversos momentos de sua teorização (em um primeiro momento, a aposta em uma dessexualização da pulsão e, num momento posterior, a ênfase na consideração de irredutível na experiência clínica). Ora, tratam-se de contribuições essenciais para entendermos a experiência psicanalítica na abordagem de um sujeito. Considerações que nos permitem traçar uma direção ética, trilhada pela psicanálise, e contrapô-la a outras direções que movem as atividades humanas sob os mais diversos aspectos.

Tendo por base a atividade do artista naquilo que constitui um objeto de arte podemos destacar uma dimensão impossível comportada pela obra de arte, uma singularidade expressa por um objeto elevado, que adquire um outro estatuto, e uma valorização social que se mescla com o fascínio e a admiração. De fato, uma obra de arte é uma tentativa de representar algo que é irrepresentável, tendo o objeto à função de denunciar esta dimensão real e impossível. Qual o motor da atividade do artista senão este próprio movimento da pulsão, enquanto distinguida do instinto? Ali, algo de singular emerge no final do processo e adquire uma outra forma diante do Outro, isto é, emerge algo peculiar e que causa fascínio. Mas será esta valorização social o motor principal da sublimação? Certamente, não: eis o que nos aponta a obra freudiana e a lacaniana. Muitos artistas não têm suas obras valorizadas durante o tempo em que viveram. A aprovação social aqui deve ser, portanto, localizada em um segundo plano, posterior ao movimento mesmo indiciado pela sublimação: o da pulsão, cujo objeto não é fixo (apesar da determinação de certos traços) e cujo movimento é constante.

A sublimação nos indicaria algo que se situa mais além da dimensão ideal, algo que passa pela ordem do real. Ela nos indica uma demanda que não pede nada a ninguém, como afirma Lacan, uma demanda que reflete a natureza da pulsão e que nos permite entrever a emergência de um outro laço social. Sobrevém assim um significante a partir de um lugar em que tudo é posto em questão e um objeto caracterizadamente especular visto sob outra perspectiva, a qual ultrapassa esta imagem. É neste sentido que a criação do sujeito permite entrever o caráter supérfluo,

gratuito de um objeto elevado a um outro estatuto. Para além da imagem, o objeto especular reflete algo de real.

Considerando a sublimação desde um ponto de vista ético, com tudo o que ela implica na cultura, ela nos permite delimitar duas ordens específicas: um, em que se considera a dimensão do impossível, do real indicado pela experiência psicanalítica e contra o qual não há remédio; e outro, que passa pelo ideal, o qual motiva a ação do sujeito amparada na perseguição de algo que sirva de molde e que o guie na busca pela felicidade e na extinção do sofrimento. A sublimação reflete, pois, o ultrapassamento dessa ordem ideal; algo que se figura mais além deste ideal; uma criação a partir de um ponto contra o qual comumente se estabelece ideais de normalidade e adequação como únicas vias possíveis. Tal como afirma Michel Silvestre (1981), o que a descoberta freudiana nos atesta é que nenhum valor pode ser atribuído ao sofrimento humano; acrescentemos, não se alcança um objeto supremo que sacie a busca humana por felicidade; a sublimação indica mais um processo, em que algo de singular emerge e causa efeitos de universal.

No campo psicanalítico, esta teorização sobre a sublimação reflete uma ética que não prega um bem supremo a orientar a ação do sujeito. A ética aqui deve ser distinguida de uma moral, na medida em que ela aponta para um impossível na ação do sujeito, a possibilidade de algo mais além dos valores. A moral pode muito bem ser atrelada a uma lei, propondo a fixação de valores, parâmetros e ideais para a ação do sujeito. A ética pressupõe a dimensão da falta comportada pelo desejo, este ponto em que o sujeito vacila, em que ele é posto em questão. Ela implica um posicionamento do sujeito enquanto tal. Tal como afirma Lacan (1988, p. 374), "se há uma ética da psicanálise - a questão se coloca -, é na medida em que, de alguma maneira, por menos que seja, a análise fornece algo que se coloca como medida de nossa ação - ou simplesmente se pretende a isso". A um problema ético, como o da histeria, por exemplo, a psicanálise oferece uma resposta que não pretende a fixação de um ideal médico a orientar a ação do sujeito, mas algo que considere isso de singular e universal, ao mesmo tempo, que o problema da histérica revela e que ocupa lugar crucial na clínica.

Quais as implicações de direções éticas tão distintas, pensadas a partir de um ponto de vista clínico? Este é um dos focos de nossa investigação. Argumentamos que a sublimação ao revelar uma dimensão ética reflete um processo que indica algo no horizonte de uma análise, algo importante no dispositivo analítico. Um movimento que vai da insuficiência implicada pelo sintoma a uma impossibilidade de realização do desejo, a uma impossibilidade do real. Numa direção oposta, uma clínica pode, dessa maneira, servir a uma tentativa de eliminação dessa insuficiência, ocupando o terapeuta o lugar de modelo e de solucionador de todos os problemas. Contudo, algo de impossível se esboça e gera mal estar e requerirá novas ações. A clínica, tal como a temos na experiência psicanalítica, reflete o enfrentamento desse impossível que gera mal estar. Não se trata de idealizar, ignorá-lo mas de enfrentá-lo. O processo analítico envolve uma criação pela qual algo novo emerge no final do processo, em que algo singular adquire um estatuto outro naquilo que até então movera as ações do sujeito. Eis porque no final de sua obra, Freud (1938/ 1974) colocará a sublimação como algo que se põe no horizonte de uma análise. Não se trata, pois, de uma orientação do sujeito pautada por padrões nem de um busca de um complemento, algo que elimine o lugar de um objeto impossível.

Este problema clínico e ético implica também uma dimensão política. Àquilo que escapa ao tratamento médico, delegado, após inúmeros fracassos, a terapêuticas, que, por sua vez, não acham "soluções plenas", submete-se aos imperativos de leis e normas. Leis que passam a direcionar as políticas públicas de saúde, por exemplo. Para um sujeito que perturba a ordem pública, as ações buscam adequá-lo e inseri-lo na cultura, sob o preço de assassinato daquilo que lhe é mais caro - sua singularidade. A posição da psicanálise - pensamos - frente a esta questão é justamente a de oferecer uma clínica que resgate algo de singular sem por isso negar uma dimensão

mais geral; que denuncie o paradoxo de um ideal em tempos em que eles se encontram em declínio; que denuncie algo mais além deste ideal e a necessidade cega de regulamentação. A cura em psicanálise deve ser afastada de ação moralizadora e normalizadora. Ela indica nada mais que o advento de uma verdade, a meia verdade, do sintoma, no ponto em que ele faz fronteira com o real. Temos assim uma nova perspectiva de ação e uma novo saber clínico ofertado pela psicanálise no tratamento clínico de problemas eminentemente éticos.

Através dessa investigação, temos percebido o lugar ocupado pelos conceitos na teorização freudiana e a importância de se considerar e historicizar tal conceito na clínica, já que este é o ponto de partida da experiência psicanalítica. Um conceito é considerado, neste sentido, dentro de um campo de problemas, delimitado, e, confrontado com outros campos, ele adquire uma forma, que nos permite analisar, desde outra perspectiva, o que ele reflete sobre um certo objeto de estudo. Trata-se, pois, de uma atividade de investigação que pressupõe um movimento de construção e destruição constantes, o questionamento dos conceitos em seus fundamentos e uma posição crítica que permite articular, de modo logicamente coerente, o conceito com a clínica. E cabe ainda uma pergunta: como elucidar um conceito tendo em vista o movimento de sua teorização, levando em conta as questões que instigaram o investigador, e como pensar estas questões atualmente? Eis algo que, desde certo ponto de vista, move essa nossa investigação.

#### **Bibliografia:**

- Birman, J. (1989). Freud e a experiência psicanalítica. Rio de Janeiro: Taurus- Timbre.
- Cruxên, O. (2004). A sublimação. (Coleção Passo a passo). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Freud, S. (1895 [1950]/ 1974). Projeto para uma psicologia científica. In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Ed.
- Freud, S. (1905/1974). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Ed.
- Freud, S. (1912/1974). Recomendações aos médicos que exercem psicanálise. In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Ed.
- Freud, S. (1912/1974). Recomendações aos médicos que exercem psicanálise. In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Ed.
- Freud, S. (1915/1974). Sobre o narcisismo: uma introdução. In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Ed.
- Freud, S. (1915/1974). A pulsão e suas vicissitudes. In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Ed.
- Freud, S. (1915/1974). Recalque. In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Ed.
- Freud, S. (1920/1974). Além do princípio do prazer. In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Ed.
- Freud, S. (1923/1974). O eu e o isso. In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Ed.
- Freud, S. (1929-1930/1974). O mal estar na civilização. In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Ed.
- Freud, S. (1938/ 1974). Esboço de psicanálise. In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Ed.
- García- Roza, A. L. (1991). Introdução à metapsicologia freudiana. Sobre as afasias. O projeto de 1895. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed
- Lacan, J. (1959-1960/ 1988). O seminário, livro 7. A ética da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

- Lacan, J. (1964/1985). O seminário, livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Lacan, J. (1968-1969/ 2008). O seminário, livro 16. De um Outro ao outro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Lacan, J. (1972- 1973/ 1985). O seminário, livro 20. Mais, ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Miller, J-A. (1997). Lacan elucidado: palestras no Brasil. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Silvestre, M. A questão da sublimação. CFRJ: Maisum, n.4, 1981

---

## **TRAUMA Y NEUROSIS TRAUMÁTICA EN EL GIRO DE LOS AÑOS 20**

Jesica Verónica Varela, Lucía Bruno, Martina Fernández Raone, Marina Fogola Arena  
Universidad Nacional de La Plata

---

### **RESUMEN**

El trauma es un concepto que aparece tempranamente en los primeros escritos de Freud. Es una noción que reviste gran importancia teórica y a la que el fundador del psicoanálisis fue modificando a través de la elaboración y profundización de otros conceptos y en relación con la clínica.

Si bien el trauma mantiene su vigencia a lo largo de toda la obra freudiana, nuestro trabajo se enmarcará en el llamado "giro de los años 20". Es en este momento cuando Freud plantea un viraje fundamental en su esquema teórico y clínico, asociado a los hallazgos en su práctica, en los cuales cabe destacar los conceptos que formalizan este descubrimiento, a saber: la reacción terapéutica negativa, la pulsión de muerte y la compulsión de repetición, entre otros.

En este contexto, nuestra atención se dirigirá a entrever qué relación puede formularse entre el trauma tal como es planteado en este momento de la obra freudiana, las neurosis en general y el análisis que establece de las neurosis traumáticas. Con este objetivo y a partir de la relectura de los textos freudianos, intentaremos responder a los siguientes interrogantes: Si entendemos al trauma como constitutivo y estructural ligado a la irrupción de la sexualidad en el sujeto ¿qué diferencia a una neurosis de una neurosis traumática? ¿Cuáles son las diferencias estructurales y fenomenológicas (envoltura formal del síntoma) que podemos establecer entre neurosis y neurosis traumática? ¿y en cuanto al factor etiológico? ¿Cuál es el lugar y función de la angustia y el síntoma en los dos tipos de afecciones?

Si bien el estatuto que Freud le otorga al trauma en relación a la causalidad varía, la definición de éste como "un exceso de energía incapaz de ser dominado por el yo", se mantendrá constante a través de los diferentes momentos de su teoría.

Como veremos las neurosis traumáticas pueden presentar fenomenológicamente características semejantes a la neurosis pero al mismo tiempo, tanto desde la envoltura formal del síntoma como etiológicamente tienen peculiaridades que le son propias. También podemos diferenciar la neurosis y neurosis traumática de acuerdo al lugar y función que ocupa la angustia en cada caso. Al respecto Freud nos dice que la angustia en juego en la neurosis traumática es la angustia automática, mientras que la angustia señal estaría en juego en la neurosis general.

En relación al pronóstico considera que éste es más favorable en el caso de las neurosis traumáticas, ya que éstas lograrían mejor tramitación mediante el tratamiento psicoanalítico.

Finalmente concluiremos que lo traumático es la sexualidad misma. Esta última aparece como un exceso que plantea una exigencia al psiquismo, una exigencia que hace a un para todos, es decir, que hace a la misma hechura de la neurosis. El trauma es estructural y causal del sujeto, es la efracción inicial que hace a las neurosis.